

6 DE JUNHO DE 1890

177

A greve dos cocheiros
5 DE JUNHO

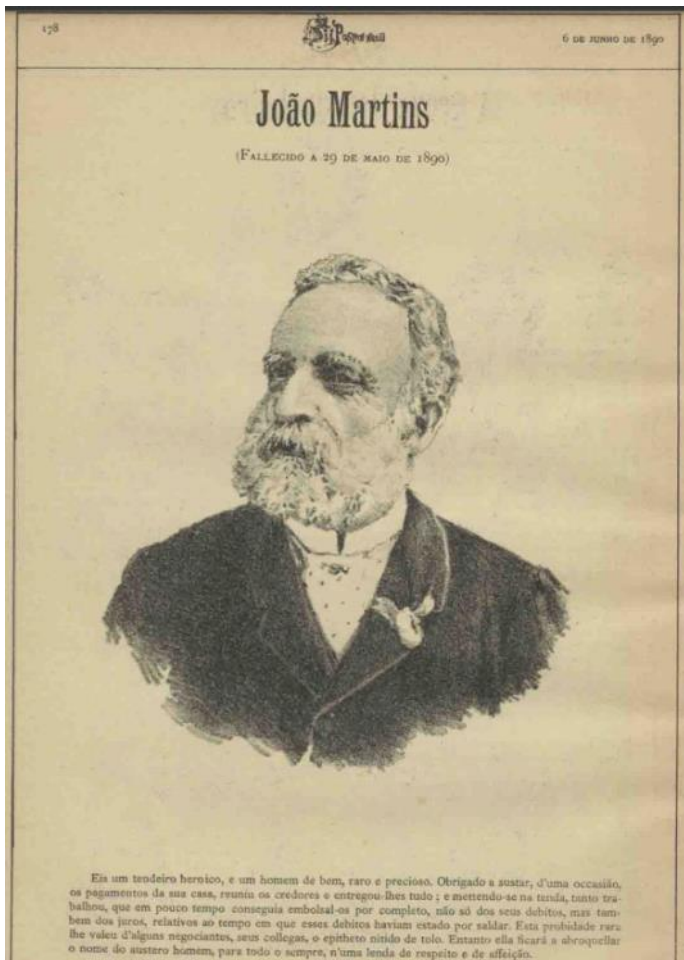
Unicos meios de condução para os habitues passeios nos arredores: Burros do Poço do Bor-rarem e - pau e corda.

Os cocheiros de praça, fizeram todos, pela pri-meira vez, a Avenida... a pé.

As alimarias saborearam refrescos. As carruagens foram para o prego.

Tudo a pé—Os cocheiros foram os patrões

ANNO VI Editor Manoel Luiz da Cruz-Sede da administração, rua do Norte, 39, 1.º
Lithographia da Companhia nacional editora, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

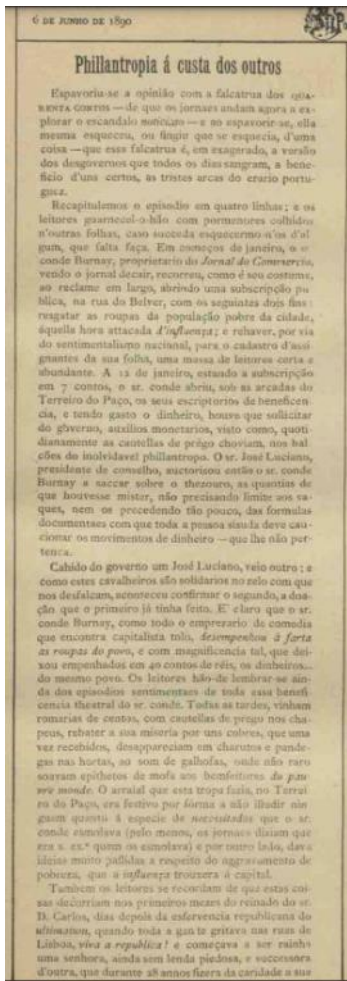


João Martins

FALLECIDO A 29 DE MAIO DE 1890

Eis um tendeiro heroico, e um homem de bem, raro e precioso. Obrigado a sustar, d'uma occasião, os pagamentos da sua casa, reuniu os credores e entregou-lhes tudo; e mettendo-se na tenda, tanto trabalhou, que em pouco tempo conseguia embolsal-os por completo, não só dos seus debitos, mas tambem dos juros, relativos ao tempo em que esses debitos haviam estado por saldar. Esta probidade rara lhe valeu d'alguns negociantes, seus collegas, o epitheto nitido de tolo. Entanto ella ficará a abroquellar o nome do austero homem, para todo o sempre, n'uma lenda de respeito e de afeição.

Eis um tendeiro heroico, e um homem de bem, raro e precioso. Obrigado a sustar, d'uma occasião, os pagamentos da sua casa, reuniu os credores e entregou-lhes tudo; e mettendo-se na tenda, tanto trabalhou, que em pouco tempo conseguia embolsal-os por completo, não só dos seus debitos, mas tambem dos juros, relativos ao tempo em que esses debitos haviam estado por saldar. Esta probidade rara lhe valeu d'alguns negociantes, seus cogas, o epitheto nitido de tolo. Entanto ella ficará a abroquellar o nome do austero homem, para todo o sempre, n'uma lenda de respeito e de afeição .



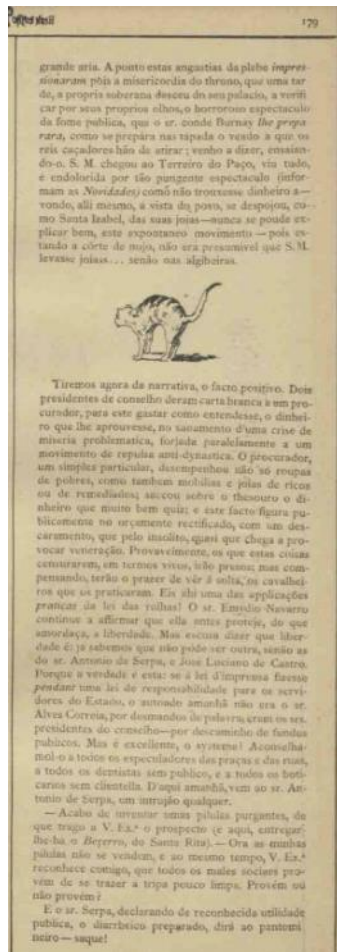
Phillantropia á custa dos outros

Espavoriu-se a opinião com a falcatrú dos qua RENTA CONTOS-de que os fornaes andam agora a ex plorar o escandalo noticiosa e ao espavorir-se, ella mesma esqueceu, ou fingiu que se esquecia, d'uma coisa que essa falcatrú é, em exagerado, a versão dos desgovernos que todos os dias sangram, a bene ficio d'uns certos, as tristes arcas do erario portu guz

Recapitulemos o episodio em quatro linhas; e os leitores guarnecel-o-hão com pormenores colhidos n'outras folhas, caso succeda esquecermo-n'os d'al gum, que falta faça. Em começos de janeiro, o sr. conde Burnay, proprietario do Jornal do Commercio, vendo o jornal décair, recorreu, como é seu costume, ao reclame em largo, abrindo uma subscrição pu blica, na rua do Belver, com os seguintes dois fins! resgatar as roupas da população pobre da cidade, aquella hora atacada d'influenza; e rehaver, por via do sentimentalismo nacional, para o cadastro d'assi gnantes da sua folha, uma massa de leitores certa e abundante. A 12 de janeiro, estando a subscrição em 7 contos, o sr. conde abriu, sob as arcadas do Terreiro do Paço, os seus escriptorios de beneficen cia, e tendo gasto o dinheiro, houve que sollicitar do governo, auxilios monetarios, visto como, quoti dianamente as cautellas de prego choviam, nos bal cões do inolvidavel phillantropo. O sr. José Luciano, presidente de conselho, auctorisou então o sr. conde Burnay a saccar sobre o thezouro, as quantias de que houvesse mister, não precisando limite aos sa ques, nem os precedendo tão pouco, das formulas documentaes com que toda a pessoa sisuda deve cau cionar os movimentos de dinheiro-que lhe não per tenca.

Cabido do governo um José Luciano, veio outro: e como estes cavalheiros são solidarios no zelo com que nos desfalcum, aconteceu confirmar o segundo, a doa ção que o primeiro ja tinha feito. E' claro que o sr. conde Burnay, como todo o emprezario de comedia que encontra capitalista tolo, desempenhou à farta as roupas do povo, e com magnificencia tal, que dei xou empenhados em 40 contos de réis, os dinheiros... do mesmo povo. Os leitores han de lembrar-se ain da dos episodios sentimentaes de toda essa benefi cencia theatral do sc. conde. Todas as tardes, vinham romarias de centos, com cautellas de prego nos cha peus, rebater a sua miseria por uns cobres, que uma vez recebidos, desappareciam em charutos e punde gas nas hortas, ao som de galhofas, onde não rare spavam epithetos de mofa nos bemfeitores du pau vre monde. O arraial que esta tropa fazia, no Terrei ro do Paço, era festivo por forma a não illudir nin guem quanto à especie de necessitados que a \$ conde esmolava (palo menos, os jornaes diziam que eras. ex quem os esmolava) e por outro lado, dava ideias muito pallidas a respeito do aggravamento de pobreza, que a influenza trouxera á capital.

Também os leitores se recordam de que estas coi sas decorriam nos primeiros mezes do reinado do D. Carlos, dias depois da esferencia republicana do ultimatum, quando toda a gente gritava nas ruas de Lisboa, viva a republica! e começava a ser rainha uma senhora, ainda sem lenda piedosa, e voocestra d'outra, que durante 28 annos fizera da caridade a sua



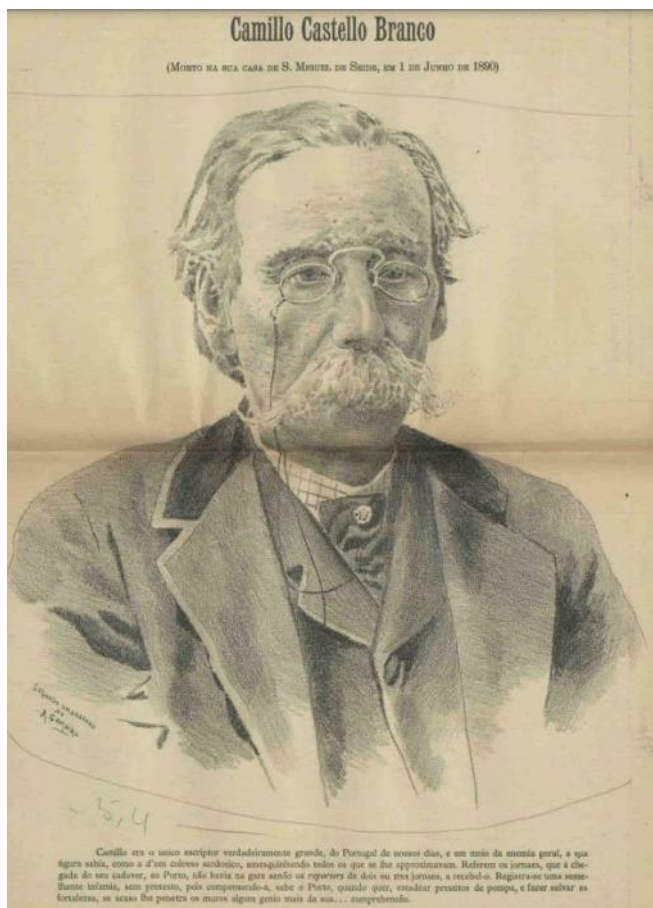
179

grande aria. A ponto estas angustias da plebe impresionaram pôs a misericórdia do throno, que uma tar de, a propria soberana desceu do seu palacio, a veriti car por seus proprios olhos, o horroroso espectáculo da fame publica, que o sr. conde Burnay the prepa rara, como se prepara nas tapada o veado a que us reis caçadores não de atirar: venho a dizer, ensaiam do-o. S. M. chegou ao Terreiro do Paço, viu tudo, e endolorida por tão pungente espectáculo (infor mam as Novidades) como não trouxe-se dinheiro a vondo, alli mesmo, á vista do povo, se despojou, co mo Santa Izabel, das suas joias—nunca se poude ex plicar bem, este expontaneo movimento - pois es tando a corte de nojo, não era presumivel que S. M. levasse joiaas.. senão nas algibeiras.

Tiremos agora de narrativa, o facto positivo. Dois presidentes de consello deram carta branca a um pro caridor, para este gastar como entendesse, o dinhei ro que lhe aprouvesse, no sanamento d'uma crise de miseria problematica, forjado paralelamente a um movimento de repulsa anti-dynasties. O procurador, um simples particular, desempenhou não só roupas de pobres, como tambem mobilias e jolas de ricos ou de remediados; saccoou sobre a thesouro o di nheiro que muito bem quiz: e este facto figura pu blicamente no orcamente rectificado, com um des caramento, que pelo insolito, quasi que chega a pro vocar veneração. Provavelmente, os que estas coisas censurarem, em termos vivos, io presos; mas com pensando, terão o prazer de ver & solta, os cavalhei ros que os praticaram. Eis the uma das applicações praticas da lei das rolhas! O sr. Emydio Navarro continue a affirmar que ella antes proteje, do que amordaça, a liberdade. Mas escusa dizer que liber dade é: ja sabemos que não pode ser outra, senão es do sr. Antonio de Serpe, & Jose Luciano de Castro. Porque a verdade e estar se a let dimpresa fizesse pendant uma lei de responsabilidade para os servi dores do Estado, o autoado amanhã não era o st. Alves Correia, por dusmandos de palavra, cram os srs. presidentes do conselho—por de caminho de fundos publicos. Mas e excellente, o systema Aconselha mol-o a todos os especuladores des praças e das rams a todos os dentistas sem publico, e a todos os boti carios sem clientella. D'aqui amanhã, vem ao sr. An tonio de Serpa, um imtrujão qualquer.

Acabo de ventar umas pilulas purgantes, de que trugo u V. Ex. o prospecto e aqui, entregar the-ha o Bezerra, do Santa Rita).—Ora as minhas pilulas não se vendem, e no mesmo tempo, V. Ex reconhece comigo, que todos os males, sociites pro vem de se trazer a tripa pouco hmpa. Provem ou não provém r

E o sr. Serpa, declarando de reconhecida utilidade publica, o diarrheico preparado, dirá ao pantomi neiro—saque!



Camilli Castello Branco
MORTO NA SUA CASA DE S.MIGUEL DE SEIDE, EM 1 DE JUNHO DE 1890

Camillo era o unico escriptor verdadeiramente grande, do Portugal de nossos dias, e em meio da anemia geral, a sua figura sahia, como a d'um colosso sardonico, amesquinhando todos os que se lhe approximavam. Referem os jornaes, que à cle gada do seu cadaver, ao Porto, não havia na gare senão os reporters de dois ou tres jornaes, a rebel-o. Registra-se uma seme lhante infamia, sem protesto, pois compensando-a, sabe o Porto, quando quer, estadear prestitos de pompa, e fazer salvar as fortalezas, se acaso lhe penetra os muros algum genio mais da sua... comprehensão.

Oh Barnhuns de todas as classes e de todas as cas tas, vá de sangrar a esmo as veias do thesouro! O ministerio da fazenda lá está aberto. e os rectifica dores do orçamento lá estão prestes. E' saccar á von tade, amigos, que não foi para outra coisa que o sr. Franco Castello Branco augmentou os impostos. Ca da dia de parlamento que passa, uma apanhadella nova, vem desfalcar os nossos minguados recursos. Antes de hontem, foi a outra metade, hontem o caso dos 40 contos; a missão Borjona em seguida; e agora as obras do castello d'Outão, accumulado de 'caze bres, d'onde as Obras Publicas farão sahir um pala cio de verão para o monarcha.

E estes saques não findam, — O que ha-de ser! O povo não quer! — tantos e tamanhos, que já ninguém chama aos consentidores e aos saccadores, senão sa...christas.

IRKAN.

Paulo Plantier, editou o DICIONARIO MANUAL ETY MOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, por Adolpho Coe lho, uma das obras mais uteis, mais eruditas e mais sérias, que entre nós tem saído a lume, no presente anno. O *Diccionario Manual Etymologico*, sobre ser um livro util em todas as bancas d'estudo e de traba lho, condensa o resultado de muitos annos d'estudo, durante os quaes o sr. Adolpho Coelho foi pacien temente accumulando, os materiaes que ora appare cem coordenados. Nunca se agradecerá pois bastan te, a Paulo Plantier, o inextimavel serviço que elle acaba de prestar ás lettras patrias.

SEMPRE RIJA!

Lavagem, limpeza, acao!
Eis como a vida prolongo,
Usando só p'ra tal meio
Do SABONETE DO CONGO!

Sabonaria Victor Vaisnier, em Paris.

Oh Barnhuns de todas as classes e de todas as cas tas, vá de sangrar a esmo as veias do thesouro! O ministerio da fazenda lá está aberto. e os rectifica dores do orçamento lá estão prestes. E' saccar á von tade, amigos, que não foi para outra coisa que o sr. Franco Castello Branco augmentou os impostos. Ca da dia de parlamento que passa, uma apanhadella nova, vem desfalcar os nossos minguados recursos. Antes de hontem, foi a outra metade, hontem o caso dos 40 contos; a missão Borjona em seguida; e agora as obras do castello d'Outão, accumulado de 'caze bres, d'onde as Obras Publicas farão sahir um pala cio de verão para o monarcha.

E estes saques não findam, - O que ha de ser! O povo não quer! - tantos e tamanhos, que já ninguém chama aos consentidores e aos saccadores, senão sa...christas.

IRKAN.

Paulo Plantier, editou o DICIONARIO MANUAL. ETY MOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, por Adolpho Coe lho, uma das obras mais uteis, mais eruditas e mais sérias, que entre nós tem saído a lume, no presente anno. O Diccionario Manual Etymologico, sobre ser um livro util em todas as bancas d'estudo e de traba tho, condensa o resultado de muitos annos d'estudo, durante os quaes o sr. Adolpho Coelho foi pacien temente accumulando, os materiaes que ora appare cem coordenados. Nunca se agradecerá pois bastan te, a Paulo Plantier, o inextimavel serviço que elle acaba de prestar ás lettras patrias.

SEMPRE RIJA!

Lavagem, limpeza, acao |
Eis como a vida prolongo,
Usando só pra tal meio Do SABONETE DO CONGO!

Naboardia Victor Valsaler, em Paris.